

As **Parábolas** do **Reino**

como critério de discernimento



REGNUM
CHRISTI

Venha a Nós o Vosso Reino!



Autora:
Tais Gea - Consagrada do Regnum Christi
Edição e Revisão:
Área de Vida e Missão da Direção Geral do Regnum Christi

Índice

Introdução	5
O decálogo das parábolas	8
O sentido das parábolas	10
As parábolas como critério de discernimento	14
1. A dualidade temporal: <i>Parábola do trigo e do joio</i>	16
2. O potencial dos grãos bons e o crescimento desproporcional: <i>Parábola do grão de mostarda</i>	19
3. O oculto: <i>Parábola do fermento</i>	22
4. Dinâmica da descoberta do Reino: <i>Parábola do tesouro e da pérola</i>	24
Conclusão	28

Introdução

Como membros do Regnum Christi, somos chamados a fazer presente o mistério de Cristo que anuncia a vinda do Reino de Deus e as consequências que isso acarreta a vida das pessoas que acolhem a Sua mensagem. Este anúncio é acompanhado por uma implicação de mudança de vida. “Fazei penitência, pois o Reino dos céus está próximo” (Mt 4, 17). O evangelista Mateus, ao falar de conversão, usa o verbo grego “μετανοέω” (Metanoia) com tudo o que essa palavra teológica implica. O acolhimento do Reino implica uma mudança de coração e de mente, abandonando comportamentos e disposições anteriores. Essa mudança ou transformação resulta em um novo modo de ser, um novo comportamento e, envolve um arrependimento do comportamento e das disposições que antes existiam.

Nós, membros do Regnum Christi, também somos convidados a viver essa mudança de vida e mentalidade. A chegada do Reino em nossas vidas nos pede que seja assim. Uma vez que entramos em contato com o mistério de Cristo, não podemos mais ser os mesmos. Somos convidados a uma conversão da mente e do coração. Em que consiste essa conversão? Como podemos conhecer as implicações dessa mudança de vida? Temos a resposta nos Evangelhos e especificamente no anúncio do Reino feito por Jesus, especialmente, em Seus ensinamentos.

A mensagem do Reino é ampla. A apresentação de suas implicações e do estilo de vida proposto por Jesus está contida em seus discursos, ditos e parábolas, mas sobretudo em sua vida. A vida do Mestre é para nós um ensinamento. A sua mensagem não se reduz a discursos elaborados, é a sua própria vida que nos desafia e nos convida a segui-lo e, portanto, a aderir a Ele e a imitá-Lo. O Reino de Deus se aproximou de nós na pessoa de Jesus de Nazaré, Ele é o Reino e nossa conversão ou mudança de mente e coração deve ter como objetivo ser como Ele. Se quisermos tornar presente o mistério de Cristo, devemos contemplar o seu modo de ser e agir e suplicar ao Espírito Santo a transformação n'Ele.

Dentro dos ensinamentos de Jesus encontramos alguns discursos, ditos e também parábolas. Este conjunto de ensinamentos de Jesus é para nós cristãos, e especialmente para os membros do *Regnum Christi*, uma bússola. Eles mostram o caminho e a direção para tomar nossas decisões. Viver de acordo com a mensagem evangélica do Reino de Deus é o que nos permite tornar o Reino presente: encarnando-o em nossas vidas, esse Reino continua a ter presença e efeito no mundo de hoje.

Neste ensaio, nos concentraremos na apresentação das parábolas do Reino como critérios para fazer um discernimento de nosso estilo de vida cristão e apostólico à luz da mensagem do Reino. Permanece uma tarefa pendente abordar a mensagem central do Reino contida no chamado “Sermão da Montanha” da tradição de São Mateus (Mt 5-7) ou “sermão da planície” da tradição de São Lucas (Lc 6, 20-49). No entanto, as parábolas do Reino são para nós uma chave para entender se nossa vida e

missão são realizadas de acordo com as exigências do Reino apresentadas e vividas por Jesus.

O decálogo das parábolas

Jesus usou vários recursos para comunicar sua mensagem aos seus seguidores. Ele se adaptou à cultura e a mentalidade de seu tempo e seguiu a tradição de seus antepassados judeus, usando vários recursos didáticos para tornar sua mensagem mais abrangente. Um desses recursos foi o das parábolas.

Parábolas são narrativas fictícias que partem de realidades cotidianas e de fácil compreensão para os ouvintes, como plantio, pesca, objetos domésticos, profissões, celebrações festivas etc. Essas narrativas usam imagens cotidianas para explicar uma verdade por meio da linguagem figurada. Esta é a maneira mais característica pela qual Jesus falou.

As parábolas eram uma maneira fácil e simples de compreender a mensagem de Jesus. Assim foi para os ouvintes da época e, também, é para nós. Agora, vivendo há séculos de distância de quando as parábolas foram ditas, precisamos conhecer os elementos culturais que podem parecer distantes ou estranhos a nossa sociedade ou cultura atual. No entanto, a mensagem é simples e fácil de entender.

Esta mensagem pronunciada por Jesus através das parábolas não procura apenas transmitir um ensinamento ou uma doutrina, mas convida à conversão. As parábolas de Jesus visam encorajar e exigir e buscam que aconteça uma transformação daquele que as escuta. É por isso que vamos ver como alguns, embora “escutando” as palavras de Jesus, não as “ouvem” e não as “entendem”. Escutar as parábolas implica mudança de vida. Elas têm como consequência deixar de viver como se vivia antes delas para se aderir a sua mensagem e se comportar de acordo com ela.

Jesus, portanto, fala em parábolas e fala conosco também em parábolas. Os evangelhos sinóticos registram várias parábolas ditas por Jesus. No entanto, neste ensaio, nos concentraremos apenas naquelas parábolas em que se fala diretamente do Reino dos Céus. Escolheremos, especificamente, cinco parábolas contidas no evangelho de Mateus, capítulo 13.

O evangelista Mateus apresenta 10 parábolas do Reino ao longo de seu Evangelho: parábola do joio, do grão de mostarda, do fermento, do tesouro, da pérola e da rede (Mt 13), do servo impiedoso (Mt 18,21-35), dos trabalhadores da vinha (Mt 19,30-20,16), das bodas (Mt 22,1-14) e das dez virgens (Mt 25,25, 1-13). São as chamadas “dez parábolas do Reino” ou o decálogo das parábolas. O uso do número 10 não é coincidência. Pelo contrário, é uma forma simbólica de manifestar a totalidade e a perfeição. Se alguém quiser conhecer o Reino em sua totalidade é necessário prestar atenção especial a essas dez parábolas.

O sentido das parábolas

“Por que lhes falas em parábolas?” (Mt 13,10). Diante da pregação de Jesus e de seu estilo característico de falar em parábolas, os discípulos se perguntam sobre esse modo muito concreto. Nós também podemos nos perguntar: por que Jesus fala em parábolas? Por que Ele nos comunica Sua mensagem do Reino dessa maneira?

O evangelista Mateus dá uma explicação (Mt 13,10-17) que será discutida mais adiante. Mas, para entender por que Jesus fala em parábolas é preciso primeiro se colocar no contexto em que elas são apresentadas.

Passando brevemente pelo Evangelho de Mateus, recordamos que Jesus já deu o seu ensinamento inaugural e central sobre o Reino no Sermão da Montanha (Mt 5-7), já realizou os primeiros milagres (Mt 8-9), já começaram as primeiras reações de aceitação e, também, de rejeição da mensagem de Jesus e da Sua pessoa (Mt 9, 33-34), a eleição dos doze já ocorreu e eles já receberam algumas instruções para que eles mesmos anunciassem o Reino (Mt 10). Somente depois de todos esses eventos é que Jesus começa a falar em parábolas.

Isso nos faz refletir que, para compreender e viver de acordo com as parábolas, precisamos dar passos anteriores. Primeiro, somos convidados a conhecer o Mestre e nos deixar atrair por Sua pessoa e Sua mensagem dita com autoridade. Então, devemos deixá-Lo agir em nossas vidas realizando milagres de cura física e espiritual, experimentando assim Seu poder sobre todas as forças do mal. E, também, antes de entendermos e vivermos de acordo com a mensagem das parábolas, devemos saber que fomos pessoalmente escolhidos por Ele como os apóstolos.

Esse processo é evidenciado na parábola do semeador colocada no início do capítulo 13 de Mateus: “Um semeador saiu a semear” (Mt 13,4). Nos capítulos 5 a 12 do Evangelho é apresentado como Jesus já saiu para semear. Essa semente caiu em vários tipos de solo, mas apenas em alguns terrenos deu frutos. Jesus foi aceito por alguns, mas rejeitado por outros. Somente aqueles que aceitaram Seu anúncio do Reino e se deixaram tocar por Ele, através da realização de milagres em suas vidas, podem entender a mensagem das parábolas.

É assim que o significado das parábolas pode ser entendido. Voltamos à pergunta feita pelos discípulos: “Por que lhes falas em parábolas?” A resposta de Jesus refere-se à profecia de Isaías 6, 9-10: “Eis porque lhes falo em parábolas: para que, vendo, não vejam e, ouvindo, não ouçam nem compreendam” (Mt 13, 13). Por um lado, Jesus apresenta aqueles que têm olhos e não veem, têm ouvidos e não ouvem. Refere-se àqueles que, após o anúncio do Reino, o rejeitaram. Apesar de terem visto os milagres e ouvido Sua mensagem entregue com autoridade, eles não acreditaram Nele e, portanto, não

aderiram a Ele. Eles não conseguem entender parábolas. Eles ficam com seu primeiro significado literal, mas não são capazes de alcançar a profundidade da mensagem comunicada por Jesus.

A referência aos olhos que não veem e aos ouvidos que não ouvem é entendida no contexto do Antigo Testamento. Esta expressão é usada para falar da dureza de coração do povo e da sua rebeldia (Is 6, 10). Olhos e ouvidos são sinais externos do coração. O coração na mentalidade hebraica é o centro da pessoa e o lugar onde as potências espirituais do homem estão situadas. O coração é a sede da inteligência e da razão, é o centro dos projetos, das escolhas decisivas, da vida moral e religiosa, e o alicerce da vida emocional. Desta forma, Jesus está indicando que aqueles que vendo não veem e ouvindo não ouvem nem compreendem, são aqueles que endureceram o coração a Sua mensagem e não quiseram converter-se. Eles não podem compreender suas parábolas.

No entanto, Jesus continua dizendo: “Mas, quanto a vós, bem-aventurados os vossos olhos, porque veem! Ditosos os vossos ouvidos porque ouvem!” (Mt 13,16). Ele chama de felizes, bem-aventurados, aqueles que com seus olhos podem ver e com seus ouvidos ouvir. Refere-se àqueles que aderiram a Jesus e que, portanto, receberão a possibilidade de compreender os mistérios do Reino dos Céus apresentados nas parábolas. Eles receberam um dom de conhecimento em virtude de seguir Jesus. Portanto, compreender as parábolas não significa apenas um ato de entendimento, mas acima de tudo, significa acolher o Reino que tem como fruto a alegria e a felicidade.

Este segundo grupo que vê e ouve é apresentado mais tarde por Mateus como os escribas que tiram de seu tesouro coisas novas e coisas velhas (Mt 13,51). O escriba ou mestre da Lei é o especialista nas Escrituras que as interpreta e atualiza para o presente. Jesus, portanto, apresenta os discípulos que ouviram e entenderam as parábolas como os verdadeiros escribas capazes de ler a Escritura (as coisas antigas) em seu verdadeiro sentido levado à plenitude com a mensagem de Jesus (as coisas novas).

Diante da pergunta, “Por que falas em parábolas?”, nós, membros do Regnum Christi, somos convidados a realizar uma conversão da mente e do coração para aderir a esta mensagem de Jesus que implica uma mudança radical de vida. É por isso que as parábolas se tornam critérios de discernimento. Elas nos iluminam para entender se estamos sendo como aqueles que têm olhos e não veem, têm ouvidos e não ouvem. Ou se somos como os discípulos que, aceitando a mensagem do Reino, aderimos a ela e nos tornamos novos escribas que tiramos do nosso tesouro, isto é, do nosso coração, coisas novas e antigas.

Perguntas para reflexão:

Em minha vida pessoal: *Em que momento estou no meu seguimento de Jesus e na interiorização da sua mensagem?*

No apostolado: *Como se encontram as pessoas a quem sou convidado a comunicar a Boa Nova? Já abraçaram a mensagem do Reino e, portanto, estarão prontas para ser guiadas pelas parábolas como critério de discernimento ou é necessário dar alguns passos anteriores?*

Para responder a essas perguntas pode-se deixar iluminar pela Palavra lendo a parábola do semeador na chave de: quem não vê/ouve—rejeita—endurecimento do coração; compreendem—acolhem—felicidade (Cf. Mt 13, 3-9; Mc 4,1-9; Lc 8, 4-8).

As parábolas como critério de discernimento

Como foi dito até agora, nós, membros do Regnum Christi, somos chamados a viver o mistério do Reino, tornando-o presente em nossos corações, nos corações dos homens e da sociedade. Este mistério do Reino implica um estilo de vida que se concretiza quando tomamos as nossas decisões pessoais e apostólicas. Para saber viver de acordo com a mensagem do Reino, Jesus nos deu seus ensinamentos em discursos e parábolas. As parábolas encorajam e exigem viver de certa forma para tornar o Reino de Deus presente em nossas próprias vidas.

A seguir, serão apresentados cinco critérios de discernimento que surgem da escuta atenta das parábolas. Estes não são os únicos ou exclusivos critérios de discernimento que podem ser adquiridos a partir da leitura orante das parábolas. São o início de uma reflexão que se abre para ser enriquecida por todos os membros do Regnum Christi que se deixam interpelar por esta palavra viva, pronunciada por Cristo e contida nos Evangelhos.

Cada um é convidado a fazer uma leitura orante dos textos do Evangelho em que se encontram as parábolas e a escutar atentamente a voz de Deus que, através da sua Palavra, fala no próprio coração.



1. A dualidade temporal:

*Parábola do trigo e do joio
(Mt 13,24-30)*

Esta parábola é uma narrativa sobre um homem que semeia boa semente em seu campo, mas o inimigo, à noite, semeia joio entre o trigo. Essas duas sementes crescem e se desenvolvem juntas. Percebendo essa realidade, os servos do mestre sugerem cortar e colher o joio para que reste apenas o trigo. A isso o mestre responde com uma recusa: “Não — disse ele —; arrancando o joio, arriscais tirar também o trigo. Deixai-os crescer juntos até a colheita”. Chegado o momento da colheita, os ceifeiros devem queimar o joio e manter o trigo no celeiro.

A parábola do trigo e do joio apresenta duas plantas crescendo juntas no campo. Um deles é o trigo, um cereal que dá um fruto comestível e é um alimento básico na dieta dos habitantes da Galileia, região em que Jesus pronuncia sua parábola.

O outro é o joio, uma planta de grãos que cresce espontaneamente e a farinha de sua semente é venenosa. É uma erva daninha que se parece muito com o trigo e, portanto, é muito difícil distinguir uma planta da outra até que tenha crescido o suficiente. Também é conhecido

como “falso trigo”. Além de venenosa, ocupa parte do solo dificultando o crescimento das raízes da planta boa e acumulando umidade.

A leitura atenta da parábola nos ajuda a entender que existem duas etapas do Reino dos Céus, uma presente e outra futura.

A primeira etapa, a realização terrena, não é uma realidade homogênea. Há trigo que é bom e nutritivo, mas também há joio que é mau e venenoso. É uma realização progressiva do Reino que encontra a presença e a atividade do inimigo.

Isso nos faz ver que o Reino não chega de um “modo humano”, ou seja, não busca eliminar imediatamente o mal que cresce junto com o bem. É necessário tempo para que a boa semente atinja sua plena maturação, supondo que, em seu caminho, haverá joio, ou seja, a prova. Isso ajudará a boa semente a se fortalecer e amadurecer até a vinda do ceifador.

A segunda etapa começa quando as plantas são separadas. Esta é a imagem do juízo final. Acontecerá um juízo final no qual os justos serão separados dos ímpios. No final, os ímpios terão como destino aquele que eles mesmos escolheram: ser joio que engana e, portanto, envenena.

Em nossa vida pessoal e apostólica, somos chamados a aceitar a dualidade temporal do Reino. O que também chamamos de “já, mas ainda não”. Isso leva o cristão a ter esperança e confiança acreditando na misteriosa ação de Deus. Ele age à Sua maneira e no Seu tempo,

mas Ele age. O “agora” é diferente da “plenitude” do tempo. No entanto, é interessante que a continuidade seja enfatizada. Há algo “agora” e o membro do Regnum Christi tem que aprender a reconhecê-lo. Há trigo, não apenas semente. Já há frutos do Reino nesta primeira etapa do presente.

Para reflexão pessoal e comunitária:

- *Considerar as duas etapas do Reino e sua continuidade (presente e futuro).*
- *Lembrar que na etapa atual há trigo (bondade) e há joio (maldade). E o joio só é arrancado no final da colheita. Aceitar serenamente essa realidade que ocorre tanto no mundo, quanto no próprio coração.*
- *Manter o horizonte esperançoso do futuro em que o joio (maldade) será jogado no fogo e os frutos do trigo (bondade) serão colhidos.*
- *Ver como esta parábola fala hoje, concretamente em minha vida e missão.*



2. O potencial dos grãos bons e o crescimento desproporcional

*Parábola do grão de mostarda
(Mt 13,31-32)*

Esta parábola compara o Reino dos Céus a um grão de mostarda. Esta semente mede 1 milímetro de diâmetro e 750 sementes pesam 1 grama. A rigor não é a menor das sementes, mas na antiguidade era referido para falar metaforicamente da menor realidade viva. A parábola narra como um homem semeia em seu campo a menor das sementes: mostarda. Ela cresce e se torna uma árvore que, por sua vez, é ninho de pássaros.

Como membros do Regnum Christi, esta parábola nos convida a refletir sobre o contraste de Jesus entre a menor das sementes e uma grande árvore. O Reino dos Céus é apresentado como uma realidade muito pequena que se torna muito grande pela obra divina. Assim, também na vida pessoal e apostólica de cada um de nós, a semente do Reino é pequena e pouco perceptível. Semear essa semente envolve um grande ato de fé em

sua potencialidade. Modificar a semente porque ela parece pequena e incapaz de produzir uma grande árvore é distorcer a mensagem do Reino. A semente é pequena, simples, ínfima e minúscula, mas é chamada a ser uma grande árvore.

No entanto, embora haja um contraste entre o início (pequeno) e o fim (grande), há também uma continuidade. Pode-se dizer que o fim já estava presente no começo. A semente contém todo o potencial para se tornar uma mostarda. Esta parábola nos convida a acreditar no potencial da boa semente. É o próprio Reino que contém todo o dinamismo para se expandir. Somos chamados a semear as sementes do Reino de Deus, mesmo que elas pareçam pequenas. Ficaremos surpresos quando virmos frutos do Reino emergindo em nossos próprios corações e nos corações das pessoas que recebem a semente do Reino.

Finalmente, a parábola descreve que essa árvore que brota de uma pequena semente se torna um lar para que os pássaros se aninhem em seus ramos. Isso significa que há um crescimento extraordinário que beneficia os outros. Antigamente, a imagem das árvores era usada para falar sobre os vários reinos. Usar uma árvore como imagem é referir-se ao novo reino de Deus que é a Igreja. Semear a semente do Reino tem como consequência a geração de um espaço que se torna lar, família, assembleia e Igreja, onde as aves encontram o necessário para o seu sustento.

Para reflexão pessoal e comunitária:

- *Não esquecer que o Reino dos céus é comparado a uma realidade muito pequena (semente de mostarda ou levedura) que tem um efeito muito grande*
- *Levar em consideração que, embora haja um contraste entre o início (pequena semente) e o fim (grande árvore), há uma continuidade: o fim já está no começo.*
- *Refletir que o crescimento extraordinário beneficia os outros (uma árvore onde os pássaros se aninham).*
- *Ver como esta parábola fala hoje, concretamente em minha vida e missão*

3. O oculto



Parábola do fermento (Mt 13,33)

Ligado à parábola anterior sobre o grão de mostarda, Jesus apresenta uma parábola semelhante. Desta vez, o Reino dos Céus é comparado ao fermento que é colocado na farinha para fermentar a massa inteira. O fermento (ou levedura) é um fungo que fermenta carboidratos, mas, em excesso, a levedura se mistura à massa e pode estragá-la. Aqui, refere-se ao efeito oculto, mas determinante, que uma pequena quantidade de fermento tem sobre a massa, tornando-a maior.

Nesta parábola, como na anterior, há uma desproporção. Para compreendê-la, é necessário entender o que Jesus quer dizer com as medidas apresentadas na parábola. Três medidas de farinha são mencionadas. Três medidas equivalem a 40kg e o pão resultante de 50kg é suficiente para 150 pessoas comerem. Jesus usa a imagem para mostrar o contraste de forma exagerada: uma grande quantidade de massa é dada em relação à pequena quantidade do fermento.

Nesta parábola insiste-se na pequenez de um princípio que leva a um resultado final aparentemente desproporcional. É semelhante à parábola do grão de mostarda. Assim como a semente se esconde na terra, agora é o fermento que se esconde na massa e a transforma. Esta

é uma realidade oculta, mas ativa. No oculto, emprega toda a sua eficácia. Ela está escondida do olhar dos homens, mas Deus realiza sua ação fermentando a farinha. É Deus quem realiza a misteriosa fermentação que não é vista aos olhos humanos.

Esta parábola recorda a todos que querem que o Reino esteja presente em sua vida e na dos outros, que a ação da graça é realizada por Deus no oculto. É difícil assumirmos as consequências que decorrem desta parábola. Às vezes, a ação da graça se apresenta de maneira pequena, que realiza sua ação de forma progressiva e que se esconde aos olhos dos homens e do mundo. Mas, quem assume essa verdade apresentada por Jesus e decide crer e confiar, com o passar do tempo, percebe como essa realidade oculta, no seu tempo e à sua maneira, fermentou toda a massa.

Para reflexão pessoal e comunitária:

- *Meditar sobre a maneira como o Reino é apresentado como algo oculto: a semente que se esconde na terra ou o fermento que se esconde na massa.*
- *Ver como o fermento é uma realidade oculta, mas ativa e, portanto, é no oculto que apresenta toda a sua eficácia.*
- *Ver como esta parábola fala hoje, concretamente em minha vida e missão.*



4. Dinâmica da descoberta do Reino

Parábola do tesouro e da pérola (Mt 13, 44-46)

Por fim, serão analisadas duas parábolas “gêmeas” que se complementam: a parábola do tesouro e da pérola. A primeira é uma narrativa fictícia de um tesouro escondido e encontrado, que leva quem o encontra, a vender tudo para comprá-lo, cheio de alegria. Ao falar de tesouro, Jesus possivelmente está se referindo a vasos de barro com moedas de prata ou pedras preciosas que muitas vezes eram encontrados escondidos no chão por medo de que pudessem ser roubados. O tesouro simboliza algo que tem um grande valor, digno de possuir e buscar. A imagem do tesouro foi usada na antiguidade como símbolo de valor ou relevância.

O texto de Mateus menciona que quem encontra esse tesouro se enche de alegria. Na maioria dos textos do Novo Testamento, a alegria (χαρά) é uma forma de reagir ao evento escatológico da salvação. A alegria é apresentada como fruto da presença de Deus no mundo através do Seu Espírito. Portanto, estamos falando de uma alegria na chegada do Reino de Deus que inaugura o tempo escatológico e que se realiza na pessoa de Jesus.

A segunda parábola é semelhante. O Reino dos Céus é comparado a uma pérola preciosa procurada por um negociante que vende tudo para adquiri-la. As pérolas, na Antiguidade, eram consideradas um item de luxo. Elas ocupavam o lugar que os diamantes têm agora. Cleópatra possuía uma pérola avaliada em 10 milhões de sestércios (pouco mais de um milhão de reais). César deu uma pérola à mãe de Brutos estimada em seis milhões de sestércios (aproximadamente 630 mil reais).

Essas duas parábolas apresentam a dinâmica do achado do Reino. O Reino dos Céus deixa-se encontrar (tesouro); ou deve ser procurado (pérola). Essas duas realidades – encontrar e procurar – se complementam. A descoberta do Reino é um dom gratuito que requer a cooperação do homem para torná-lo seu. O Reino, que é Jesus, sai ao encontro do homem, mas o homem deve aceitar a sede que tem desse tesouro/pérola para ativar o dinamismo da busca. Tendo consciência disso, podemos, por um lado, encontrar o Reino dos Céus e, por outro lado, alimentar a sede do homem por este Reino, gerando assim uma atitude de busca.

Além disso, essas parábolas apresentam o Reino dos Céus como algo de imenso valor: um tesouro e uma pérola. O Reino é a coisa mais valiosa que possuímos. Ele tem um valor em si mesmo e nós somos chamados a mostrá-lo, para que possa atrair as pessoas que entram em contato com Ele.

Nas duas parábolas mostra-se que, para adquirir esse objeto de tal valor, existe uma condição. Um desapego total de todo o resto: vender tudo o que se tem, dar tudo o que se possui. No entanto, esse desapego não é consi-

derado uma perda imprudente, pelo contrário, é o melhor negócio. Portanto, nenhum preço parece alto o suficiente para adquirir essa mercadoria valiosa; tudo fica pálido diante do brilho do que foi encontrado. Encontrar o Reino gera uma alegria que torna o homem capaz das maiores renúncias e desprendimentos. Isso não é experimentado como uma perda, mas, pelo contrário, considera-se que o ganho é maior. Desta forma, o Reino exige uma renúncia, mas ao mesmo tempo a torna possível. Pode-se dizer que o dom recebido possibilita a entrega.

Por fim, o fruto que gera na pessoa que encontra o tesouro (explícito no texto) ou a pérola (implícito no texto) é uma alegria e grande satisfação. Mateus apresentará, mais tarde, a história do jovem rico, que encontra em Jesus o tesouro e a pérola, mas não consegue renunciar a tudo o que tem para segui-Lo. A consequência é que ele se afasta de Jesus com tristeza (Mt 19,22). Portanto, o Reino dos Céus é considerado uma alegria esperada para ser descoberta; uma alegria que é oferecida, mas não imposta, que é um dom plenamente gratuito.

Para reflexão pessoal e comunitária:

- *Aprofundar a dinâmica de encontro e busca do Reino.*
- *Considerar o Reino como algo de enorme valor (tesouro e pérola muito caros).*
- *Refletir sobre a condição de vender tudo para possuir o Reino sob a perspectiva de ganho e não de perda.*
- *Descobrir o fruto da alegria e da satisfação no coração do homem que vende tudo para ficar com o Reino.*
- *Ver como esta parábola fala hoje, concretamente em minha vida e missão.*

Nota: a análise deste critério pode ser feita à luz do encontro de Jesus com o jovem rico (Mt 19, 16-26).

Conclusão

Para fazer o Reino presente em nossos corações e na sociedade, devemos viver de acordo com os ensinamentos de Jesus contidos no Evangelho e expressos com frequência nas parábolas. Deixar-nos guiar pelo Espírito segundo estes critérios de discernimento, fará com que a nossa vida pessoal e o nosso apostolado sejam testemunhos da presença do Reino no mundo. Não só porque vivemos segundo um estilo de vida proposto, mas, sobretudo, porque nos identificamos cada vez mais com o modo de ser de Jesus.

De fato, as parábolas do Reino têm sido consideradas metáforas da vida de Jesus: vida pública-morte-resurreição. Ele realiza sua ação durante sua vida terrena (presente) e, por sua vez, aponta para sua segunda vinda (futuro), como visto na parábola do trigo e do joio. Ele é a boa semente ou o bom fermento que se esconde e desaparece para se tornar árvore, corpo da Igreja e pão que alimenta, a Eucaristia. Ele se apresenta como um homem simples e d'Ele brotará uma grande fecundidade, como se vê nas parábolas do grão de mostarda e do fermento. E, finalmente, Jesus é Aquele que sai ao encontro do homem mostrando o seu valor, o amor ao extremo, e pede uma resposta de adesão total como faz com o jovem rico. Seu valor é tão imenso que vale a pena deixar tudo e segui-Lo, gerando em seus discípulos a alegria do seguimento, apresentada na parábola do tesouro e da pérola.

Portanto, deixar-nos guiar pela mensagem das parábolas tanto na vida pessoal, quanto no apostolado, é fazer presente o Reino, fazer presente a pessoa de Cristo em nossas vidas e em nosso modo de impactar a sociedade através do apostolado.

